

## **Do ensino virtual ao presencial: o aprendizado nos âmbitos midiáticos e tecnológicos entre o público infantojuvenil nos contextos educacionais híbridos<sup>1</sup>**

Suéller COSTA<sup>2</sup>

Mecom (ECA/USP); Polifonia (DCH/UNEB)

### **RESUMO**

Este artigo apresenta uma análise do aprendizado no campo das mídias e tecnologias no ensino remoto emergencial e, com o retorno à modalidade presencial, elenca o que foi significativo às propostas aplicadas em sala de aula e contributivo ao formato educacional em desenvolvimento, o híbrido. Tendo como metodologia de pesquisa participante, avalia a desenvoltura dos alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, durante as aulas de Língua Inglesa, ministradas por esta pesquisadora em duas unidades da rede municipal de Guararema/SP. O objetivo é destacar o ensino e aprendizado no ambiente virtual, que exigiu um processo de alfabetização e letramento midiático e informacional. O estudo foi realizado em dois momentos, com a aplicação de questionários ao final do período remoto; e a escuta dos alunos, um formulário e a observação das aulas presenciais.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino remoto; ensino presencial; ensino híbrido; alfabetização e letramento midiático e informacional; educomunicação.

### **Introdução**

Os contextos educativos são dinâmicos, assim como os movimentos docentes e discentes, que sempre se encontram em transição, acelerados pelo cenário pandêmico, gerado pelo Covid-19<sup>3</sup>. A crise sanitária no Brasil – instaurada em março de 2020 – levou ao confinamento social e, por sua vez, à reconfiguração das relações e às mudanças nos aspectos social, econômico, político, e, sobretudo, educacional. Desde então, professores e alunos passam por um processo cada vez mais desafiador, que tem exigido contínuas adaptações em suas dinâmicas pedagógicas. Das salas de aulas migraram, em 2020, para

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Educomunicadora, jornalista, professora e pesquisadora. Mestre em Ciências da Comunicação pelo PPGCOM da ECA/USP. Especialista em Educomunicação (ECA/USP), Tecnologias na Aprendizagem (SENAC-SP), Alfabetização e Letramento Digital (FAISP), Estudos da Linguagem (UMC) e Projetos Sociais e Políticas Públicas (SENAC-SP). Membro dos grupos de pesquisas Mediações Educomunicativas (Mecom), da ECA/USP; e Polifonia, do DCH/UNEB. Idealizadora do projeto Educom Alto Tietê (@educomaltoietete). E-mails: sueller.costa@gmail.com; educomaltoietete@gmail.com.

<sup>3</sup> O Brasil identificou a primeira contaminação pelo novo coronavírus no final de fevereiro de 2020. A declaração de transmissão comunitária no país veio em março, mês em que também foi registrada a primeira morte pela doença. A fim de evitar a proliferação do vírus SARS-CoV-2, foi decretado o isolamento social, quando todas as unidades escolares – da Educação Básica ao Ensino Superior – foram fechadas e tiveram de migrar para o ensino remoto emergencial, para dar continuidade ao processo de escolarização.

---

o ensino remoto emergencial; dos ambientes virtuais retornaram, em 2021, à modalidade presencial; chegando, em 2022, à congruência dos espaços de aprendizagem com a união do virtual ao local, com destino a um novo modelo em desenvolvimento, o ensino híbrido.

As experiências no ensino remoto<sup>4</sup> foram preponderantes para um período de imersão no universo midiático e tecnológico, contribuindo para o conhecimento de novas linguagens, exploradas com pesquisas, estudos e experimentações com recursos, aplicativos e programas que passaram a integrar a prática docente nos ambientes virtuais. Com o retorno à modalidade presencial<sup>5</sup>, houve uma nova readaptação, com a preocupação em aliar as metodologias tradicionais às contemporâneas, norteadas pelas estratégias ativas, a fim de manter o ensino mediado pelas tecnologias. Desta vez, aliando as dinâmicas aplicadas *in locus* – entre alunos e professores – com as vivenciadas virtualmente – nas variadas ambiências de aprendizagem –, com destino à hibridização dos processos, uma oportunidade para impulsionar as habilidades e competências adquiridas no período emergencial nos atuais contextos educacionais.

Com o interesse de investigar este processo de readaptações em tempos pandêmicos, este artigo relata uma experiência vivenciada entre o período de aprendizagem virtual e presencial na Educação Básica, ao longo das aulas de Língua Inglesa aplicadas com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (Anos Iniciais) da rede de ensino municipal de Guararema/SP<sup>6</sup>. Propõe uma análise do processo de ensino e aprendizagem ao longo do ensino remoto emergencial (de março a dezembro de 2020) seguido do retorno à modalidade presencial (entre 2021 e 2022). Analisa como os educandos, pertencentes à geração dos nativos digitais (PRENSKY, 2001), lidaram com os dispositivos comunicativos e os diferentes ambientes virtuais, que evidenciaram as suas potencialidades para a educação, tanto para o aprender quanto para o ensinar.

---

<sup>4</sup> No Brasil, o ensino remoto começou a ser aplicado em 17 de março de 2020, conforme orientações do Ministério da Educação (MEC), publicadas na Portaria nº 343, a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19” (BRASIL, 2020).

<sup>5</sup> As aulas começaram a voltar à modalidade presencial a partir de 2021. Primeiramente, de forma gradual, com pequenos grupos, para, em seguida, agregar quantidades maiores, exigindo, ainda assim, o espaçamento mínimo de 1,5 metro entre os educandos. Por escolha dos pais, alguns permaneceram no ensino remoto. Cada região adotou medidas de acordo com a sua realidade. No Estado de São Paulo, um decreto do governador exigiu o retorno de todos os alunos às salas de aula em novembro de 2021.

<sup>6</sup> Guararema fica localizada na região metropolitana de São Paulo, Alto Tietê e Vale do Paraíba. Segundo as estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), mensuradas em 2021, a cidade consta com 30.465 habitantes. A rede municipal atende a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (Anos Iniciais). Neste último ciclo, há 2.100 alunos matriculados, distribuídos em 11 unidades escolares.

O estudo divide-se em duas etapas, primeiramente, avalia as estratégias adotadas durante as aulas remotas, o engajamento dos alunos – que se encontram na faixa etária dos 6 aos 10 anos –, o envolvimento dos familiares e a participação da comunidade escolar no processo educativo, que se apropriou, em todo o percurso, do uso das mídias e tecnologias sob o viés da Educomunicação, que considera a inter-relação entre a comunicação e educação como campo de diálogo, favorável para a criação de espaços que promovam o conhecimento crítico e criativo e fortaleçam a cidadania e a solidariedade (CITELLI e COSTA, 2011). Levou em consideração as experimentações com os recursos com o propósito de propiciar os entendimentos sobre as suas potencialidades para o universo educacional. Deste processo, os estudos continuam, ao verificar as experiências com as metodologias ativas que motivaram o interesse pelo aprendizado em um período complexo. Por fim, avalia as habilidades e competências adquiridas nos âmbitos midiáticos e tecnológicos e suas contribuições para as atividades presenciais e adequação ao ensino contemporâneo, que, agora, vivencia a hibridização.

A segunda etapa ocorre com o retorno às aulas presenciais, com a observação dos itinerários formativos, a escuta dos alunos por meio de uma roda de conversa e a aplicação de um questionário acerca das habilidades e competências adquiridas no campo das mídias e tecnologias para verificar se elas continuam presentes nas rotinas docente e discente no modelo regular de ensino. O comparativo entre o virtual e presencial tem o propósito de observar, analisar e reavaliar os percursos em busca de respostas à questão: “Qual legado a pandemia trouxe para os entendimentos, apropriações e experimentações com os recursos midiáticos e tecnológicos em prol da Educação?” Uma indagação para refletir se o período remoto contribuiu para uma melhor preparação aos cenários híbridos, que têm sido os novos desafios dos educadores em sua jornada didático-pedagógica.

### **Cenário de pesquisa, as reinvenções nos diferentes espaços educacionais**

O cenário de pesquisa envolve o público de duas escolas municipais, de realidades distintas: a EM Celia Leonor Lopes Lunardini<sup>7</sup>, localizada na região central; e a EM Keisaburo Honda, na rural. A primeira etapa remete ao ensino remoto emergencial,

---

<sup>7</sup> Por ser especialista, a professora perpassa por várias unidades da rede municipal, sendo, no total, três por ano. Para este artigo, os estudos referem-se às experiências vivenciadas ao longo de 2020 nas duas unidades supracitadas em sete turmas do 1º ao 5º ano. Este grupo envolve 178 alunos, destes, 138 são da EM Célia Leonor Lopes Lunardini, pertencentes às salas do 1º A, 2º A, 3º A, 4º A e 5º A; e 40 da EM Keisaburo Honda, integrantes dos grupos do 4º A e 5º A.

<sup>8</sup> O e-book “*Coronavirus Around the World*” pode ser conferido no link: <https://youtu.be/5G9AXf-jmfs>.

---

desenvolvido entre março e dezembro de 2020. Após um mês e meio de aulas presenciais, período para conhecer os 178 alunos das sete turmas envolvidas, emergencialmente, houve a migração para o formato virtual, mediado pelas tecnologias.

Começavam as pesquisas, os estudos e a preparação para as adaptações a um ambiente de aprendizagem que exigia tanto dos educadores quanto dos educandos habilidades e competências voltadas às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), sobretudo, nas áreas do letramento digital, informacional e comunicacional. Foi a oportunidade para desbravar os multiletramentos e se apropriar das múltiplas linguagens que os ambientes virtuais oferecem a fim de promover uma melhor experiência didático-pedagógica nos diferentes contextos escolares.

Esta vontade em aprender – por parte do professor – colaborou para a migração aos novos ambientes de aprendizagem, que exigiu o conhecimento de plataformas para conduzir as aulas, tanto síncronas (Google Meet) quanto assíncronas (Google Classroom, Youtube, WhatsApp); softwares para a produção de conteúdos, dos templates para os encontros virtuais e os portfólios com os registros do processo educativo (Google Apresentações, Jamboard, Canva, SlideGo); aplicativos para a concepção de atividades gamificadas (Flippity, Worldwall, Puzzle, Learning Apps); programas para a produção e edição dos materiais audiovisuais, como as videoaulas (ApowerSoft, Movavi, HandBrake); novos modelos avaliativos (Google Forms; Google Planilhas); além de recursos físicos para garantir a infraestrutura apropriada para conduzir os novos formatos (computador, câmera, tripé, luminárias, internet banda larga e um espaço adequado).

Nem todos acompanharam ativamente o processo remoto. Dos 178 alunos envolvidos, cerca de 70% participaram das aulas virtuais; os demais tiveram de ser contemplados com atividades impressas, que eram buscadas pelos pais; assim como orientações pelo WhatsApp em formatos de áudios e videochamadas nos horários apropriados para as famílias. Apesar dos desafios – sobretudo, com relação à falta de acesso e recursos por parte do grupo mais vulnerável –, as experiências com aqueles que mantiveram a conectividade foram enriquecidas com a curiosidade em aprender a utilizar os dispositivos digitais, o interesse em explorar os novos ambientes virtuais e a criatividade ao produzir com os variados recursos midiáticos e tecnológicos.

Os conteúdos curriculares, transmitidos de maneira assíncrona – via recursos auditivos (áudios pelo WhatsApp), visuais (roteiros, atividades, informativos pelo aplicativo de mensagem e o Google Sala de Aula) e audiovisuais (videoaulas gravadas e

publicadas no Youtube, grupo de pais e na plataforma educativa) – e síncronas, com aulas ao vivo pelo Google Meet e chamadas de vídeo pelo WhatsApp, davam abertura a produções autorais entre os educandos.

Tendo a Educomunicação como condutora deste processo autoral, ao longo de um ano, as temáticas abordadas nos livros eram ampliadas com debates de impacto nacional e internacional, em destaques no cenário midiático, como uma forma de ampliar os entendimentos sobre os problemas, refletir sobre possíveis soluções e incentivar a produção de diferentes artefatos digitais com o uso das múltiplas linguagens, com o objetivo de compartilhar com a comunidade escolar. Segundo Soares (2011), a Educomunicação é um campo de estudo que propõe uma reflexão acerca da mediação da comunicação e das mídias no ensino e na aprendizagem, propondo uma trajetória educativa colaborativa, sustentada pelos processos de comunicação ofertados pelas TICs. Entre os seus objetivos, visa à promoção da democratização dos acessos aos meios, trabalhando a compreensão de suas linguagens e os caminhos para uma produção autoral e criativa, a fim de desenvolver a leitura crítica da mídia e combater a desinformação.

Os pressupostos educacionais, alinhados às metodologias ativas – dentre elas Aprendizagem Baseada em Problemas e Aprendizagem Baseada em Projetos –, conduziram as propostas multidisciplinares tendo como fio condutor temáticas transversais. O incentivo à autoria culminou, ao longo de um ano, na produção de *e-books*<sup>8</sup>, campanhas, vídeos sobre o Coronavírus; mensagens motivacionais para lidar com o isolamento social<sup>9</sup>; produção de história em quadrinhos<sup>10</sup> sobre questões socioemocionais; guias para uma alimentação saudável; campanhas com orientações sobre as queimadas; contos de terror envolvendo o Halloween; dentre outros trabalhos, que instigaram os alunos a desvendarem linguagens, narrativas e aplicativos variados.

### **Ensino remoto emergencial: os aprendizados nos ambientes virtuais**

Para diagnosticar as competências midiáticas e informativas apreendidas durante o ensino remoto e suas perspectivas para o retorno ao presencial, esta educadora realizou

---

<sup>8</sup> O *e-book* “*Coronavirus Around the World*” pode ser conferido no link: <https://youtu.be/5G9AXf-jmfs>.

<sup>9</sup> O vídeo “*It’s Gonna Be Okay*” pode ser conferido no link: <https://youtu.be/xVcAgeCItqg>.

<sup>10</sup> O projeto “*It’s okay to feel your feelings*”, que, entre a atividade principal, resultou na criação de uma revista em quadrinhos, pode ser conferido no link: [https://youtu.be/Ib1aEOSf\\_38](https://youtu.be/Ib1aEOSf_38). A proposta conquistou três premiações nacionais em 2021: Prêmio CPE na Sala de Aula – Reconstruindo a Educação; Destaque Educação 2021 – O Olhar Inovador para as Demandas Educacionais; Boas Práticas Set Brasil – Resultados que Transformam.

uma pesquisa com os alunos com o propósito de se ter uma avaliação do professor, das estratégias, das adaptações e nortear os novos rumos<sup>11</sup>. Foi elaborado um questionário pelo Google Forms e compartilhado para os grupos de pais do WhatsApp e nas salas virtuais do Google Classroom em dezembro de 2021. Ao todo, 87 alunos responderam, com o auxílio de seus familiares, que foram fundamentais para a continuidade dos estudos em Língua Inglesa. Destes, 73 (83,9%) são da EM Celia Leonor Lopes Lunardini; e 14 (16,1%) da EM Keisaburo Honda<sup>12</sup>. Com relação às séries, houve a participação mediana de todas: 10 (11,5%) do 1º ano; 15 (17,2%) do 2º ano; 18 (20,7%) do 3º ano; 24 (27,6%) do 4º ano; 20 (23%) do 5º ano. Este balanço permitiu uma avaliação das dificuldades elencadas entre as diferentes faixas etárias, as quais delinearão as estratégias que melhor atendessem às necessidades dos alunos de cada grupo.

O acompanhamento das aulas remotas ocorreu, em especial, pelo celular, sendo o principal recurso dos alunos, usado por 84 deles (96,6%); seguido do notebook, por 26 crianças (29,9%); e, por apenas 3 deles (3,4%), o tablet. Dos participantes, mais da metade, 53 educandos (60,9%), conseguiu acompanhar as aulas (síncronas e assíncronas), participar das atividades, entender os roteiros e as explicações, enquanto os demais 34 (39,1%) seguiram o percurso parcialmente.

Dos respondentes, 64 (73,6%) confirmaram que conseguiram aprender pela internet; enquanto os demais 23 (26,4%) disseram que não, por sentirem dificuldades com as mudanças e, principalmente, com o novo espaço de estudos (domiciliar), que não favoreceu a concentração. Em contrapartida, entre os que acompanharam ativamente, comprova-se a integração com os conteúdos, quando perguntados sobre os assuntos que mais gostaram, os que sentiram dificuldades, os que gostariam de uma revisão.

“Quais os conteúdos que mais gostaram?”. Os temas trazidos alinham-se às metodologias empregadas para as explicações. E, dentre as respostas, é notável a presença dos projetos autorais, conforme evidenciados:

“Halloween, porque eu criei uma história.”

“Projeto Coronavírus, gostei muito dos fantoches.”

“Das comidas, porque achei bem divertido aprender sobre elas.”

“De todos, você explica muito bem, mas muito bem mesmo.”

<sup>11</sup> O questionário foi aplicado em dezembro de 2020, no final do ano letivo, quando, ainda, o retorno ao ensino presencial não tinha uma data definida. Porém, era preciso planejar as ações para 2021.

<sup>12</sup> Na unidade rural, as atividades, em sua maioria, foram impressas, devido às dificuldades com o acesso à internet. Este é um dos motivos que justificam a pouca adesão ao formulário digital.

---

“Quais os conteúdos que menos gostaram?”. Um dos pontos negativos foi com relação às videoaulas<sup>13</sup>, que tinham, em média, 20 minutos. Para os alunos de 1º, 2º e 3º anos, foram consideradas longas, enquanto para os maiores, dos 4º e 5º anos, didáticas, porém, se fossem mais curtas, seria melhor. Com relação às estratégias, 60 (69%) deles as aprovaram, 18 (20,7%) sentiram dificuldades, 8 (9,2%) não gostaram e 1 (1,1%) não conseguiu acompanhar. As respostas elencaram os pontos positivos e negativos das aulas:

- “As aulas que a professora grava são bem fáceis de aprender.”
- “Boas, porém os vídeos precisam ser mais objetivos (mais curtos).”
- “Os vídeos eram bem animados, claros e aproximavam meu filho ao conteúdo bem como à professora.”
- “Excelente para os alunos maiores; para os pequenos, não deu certo aqui em casa.”
- “Professora atenciosa, responsável. Com aulas divertidas e dinâmicas.”

O desempenho dos alunos está associado ao suporte da família durante o período remoto, aos conteúdos que conseguiram acompanhar, às estratégias adotadas pela professora e à diversificação dos tópicos discutidos, que aliavam os conteúdos linguísticos aos temáticos, a fim de instigar os debates, importantes para ampliar o repertório cultural, essencial para as produções autorais que eram estimuladas pelas TICs.

- “Tive um pouco de dificuldade, mas tive a ajuda de meus pais.”
- “Eu acho que foi bom! Assisti aos vídeos, fiz as atividades. Eu me dediquei muito.”
- “Gostei muito das aulas. A professora é alegre nas explicações. Facilitou a nossa concentração.”
- “Gostei de tudo, principalmente das atividades, eu adoro minha professora de Inglês.”

Os recursos escolhidos para dar continuidade ao processo de escolarização foram aceitos pelos familiares, que escolhiam aquele que melhor atendia à sua realidade. Poucos acessavam a sala virtual no Google Classroom, e a participação nos encontros síncronos pelo Google Meet também era mínima. A maioria optou pelas videoaulas, conteúdos, atividades e feedbacks enviados pelo WhatsApp, o principal meio de comunicação entre a comunidade escolar.

As perguntas referentes à mediação tecnológica mostraram que os recursos, além de intermediar os processos educativos, ampliaram as relações sociais entre alunos,

---

<sup>13</sup> Duas videoaulas eram produzidas e compartilhadas semanalmente para cada turma, correspondentes às duas aulas semanais, conforme os dias e horários do programa curricular. Foram a principal estratégia para transmitir as explicações, porque a adesão às aulas síncronas (pelo Google Meet) não foi unânime, em vista das dificuldades de acesso e conformidade de horários com os pais. Desta forma, os dois métodos (síncronos e assíncronos) tiveram de ser utilizados.

---

professores, familiares e gestores, contribuindo para um aprendizado - dentro das possibilidades - efetivo. Foi a oportunidade para todos conhecerem a complexidade do trabalho pedagógico dos educadores, em especial, do especialista em Língua Inglesa, que, até então, não possuía uma relação próxima com os pais, ao contrário dos polivalentes.

Ao longo da jornada remota, os alunos conheceram aplicativos, programas e os recursos Google e exploraram as novas ambiências comunicativas, como o WhatsApp, Google Meet, Google Classroom para a realização das atividades contempladas ao longo de um ano de aprendizagem remota. Eles perpassaram por um processo de letramento digital e informacional, notável com o passar dos meses. Inicialmente, os pais estavam presentes nas reuniões; logo, os alunos apareciam sozinhos e sentiam-se capazes de entrar e sair da sala, e, inclusive, começaram a respeitar as novas regras de convivência.

Em relação às produções autorais em Língua Inglesa, os temas transversais estimularam os alunos a produzirem, por meio das múltiplas linguagens, materiais informativos à comunidade escolar. Com o tempo, os aplicativos sugeridos pela professora para praticar o idioma, assim como os softwares para produzir os trabalhos, eram complementados com as indicações das turmas, que, em suas pesquisas, conheciam novos recursos, agregando-os aos já conhecidos. O resultado desta dinâmica pautada pela Educomunicação pôde ser reconhecido nacionalmente com a conquista de premiações na área da Educação<sup>14</sup>, que levaram em consideração o percurso metodológico da práxis educativa. Foi um momento em que as competências nos âmbitos comunicativo, digital e informacional, elencadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), foram aceleradas. Um período de aprendizados mútuos – entre alunos e professores –, cujas experiências vêm sendo aprimoradas no ensino presencial.

### **Retorno ao ensino presencial, as mídias e tecnologias em prol da Educação**

As aulas presenciais na rede de ensino de Guararema retornaram em janeiro de 2021, e, em março daquele ano, retomaram ao modo remoto, em virtude de um novo surto de Covid-19. Em julho, as atividades voltavam na modalidade semipresencial, com a divisão dos alunos em grupos (A e B), para evitar as aglomerações nos espaços escolares. Eles frequentavam a escola duas vezes por semana, e nos demais dias, os encontros ocorriam de forma síncrona pelo Google Meet. O retorno com todos os estudantes ocorreu

---

<sup>14</sup> O projeto “*Coronavirus Around The World*” conquistou o Prêmio Destaque Educação 2020 – Experiências no Ensino Remoto. Confira a proposta pelo link: <https://youtu.be/FF4DX4UQIW0>.



oficialmente em fevereiro de 2022, quando, finalmente, eles se reencontraram e retomavam a dinâmica anterior ao processo remoto. Porém, nem tudo podia ser igual, o “novo normal” na Educação impunha outros desafios: a preparação para o ensino híbrido, a fim de unir os ambientes virtuais aos presenciais. Para isto, os aprendizados ao longo da pandemia têm sido essenciais para integrar o novo contexto.

As competências midiáticas, tecnológicas e comunicativas adquiridas em meio à imersão pelos ambientes de aprendizagem virtuais têm contribuído para a adesão às metodologias intituladas “ativas”, que passaram a guiar as dinâmicas educacionais, e, por sua vez, conduzir os conhecimentos a serem experimentados pelos educadores e vivenciados pelos alunos. As aulas aliam os modelos contemporâneos aos tradicionais, a fim de dar continuidade aos estudos mediados pelas TICs, sem perder de vista a integração à cultura digital, inerente aos professores e estudantes do século XXI, conforme aponta Belloni:

[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando. (2009, p. 10)

Manter as relações entre a comunicação e a educação no fazer pedagógico foi o ideal desta professora, que procurou explorar os espaços escolares, em especial, o laboratório de informática, para dar continuidade a experimentações nos ambientes digitais, a fim de manter o processo de letramento digital com as crianças, principalmente, com aquelas que não puderam estar ativas no processo remoto. De volta ao contexto presencial, todas passavam a ter acesso aos dispositivos e à conectividade, essenciais para um ensino que visa à hibridização.

As TICs foram preponderantes para as novas experimentações, aliando os conteúdos dos materiais didáticos aos de cunho transversal, e, em especial, aos dos âmbitos digital, informacional e midiático, com o propósito de explorar o potencial educativo destes recursos e comunicativo dos educandos. Diante dos desafios contemporâneos, permeados pela hibridização dos ambientes, processos, linguagens e metodologias, e, ainda, pela variedade dos conhecimentos a serem apreendidos, cabe ao professor investigar os caminhos que melhor nortearão a aprendizagem de seus alunos.

Se existem novas formas de viver, sentir e pensar, é preciso que se pense também nas novas formas de aprender e, portanto, nas novas formas de ensinar, nas novas expectativas e novas demandas, não só dos sujeitos-

---

alunos, mas também dos sujeitos-professores, já que todos estão inseridos (em maior ou em menor grau) nesta contemporaneidade repleta de tecnologias e mídias (SARTORI et al., 2014, p.68).

Os resultados destas experimentações mediadas pelas TICs e norteadas pela Educomunicação têm sido analisados ao longo das aulas presenciais, que se tornaram o novo cenário de pesquisa e foco de observação desta educadora. Os alunos continuam realizando produções autorais em Língua Inglesa, tanto individual quanto coletivamente, em ambientes digitais e analógicos; prosseguindo com o processo de letramento e alfabetização midiática e informacional, que deve ser estimulado na Educação Básica.

Após dois anos de readaptações, a professora se concentrou em um outro estudo – desta vez em sala de aula – para observar o desempenho dos alunos nos novos contextos e avaliar, sob o ponto de vista dos discentes, as contribuições do ensino remoto às suas habilidades e competências midiáticas e tecnológicas. Preocupou-se em acompanhar o desenvolvimento dos educandos nos ambientes digitais com a continuidade dos projetos autorais que se apropriam das múltiplas linguagens. Foi realizada uma roda de conversa com os 3º, 4º e 5º anos<sup>15</sup>, seguida do registro no Google Forms, preenchido na escola.

Quando apresentados à questão “Quais aprendizados você teve no ensino remoto que considera importante durante as aulas presenciais?”, as respostas aliam os conteúdos programáticos, mas as relacionadas às TICs ganham evidência:

“Agora, eu sei usar o computador melhor, e isso facilita quando a professora coloca atividade no Google Classroom.”

“A realizar as atividades no Google Classroom e a mexer em vários aplicativos que eu não conhecia.”

“Aprendi a escrever em Inglês.”

“Fazer trabalhos em grupo.”

As atividades em diferentes aplicativos, com a produção autoral envolvendo escrita, escuta, leitura, oralidade e repertório cultural, também ampliaram o desempenho dos alunos com os meios digitais e mudaram seus olhares sobre estes ambientes. Eles reconheceram que vão além dos jogos, do entretenimento e da diversão. Pelo contrário, por meio deles, adquire-se habilidades essenciais para o aprendizado contemporâneo, destacadas nas respostas à pergunta “Você aprendeu a usar melhor as tecnologias?”:

“Sim, eu melhorei minha digitação.”

---

<sup>15</sup> Estes grupos foram os escolhidos por concentrarem os anos finais do Ensino Fundamental I e os que agregaram um maior repertório ao longo do ensino mediado pelas tecnologias. Os 1º e 2º anos, durante o ensino remoto, estavam na Educação Infantil, e não foram alunos desta professora.

“Sim, agora eu não preciso ficar chamando ninguém para me ajudar a usar o computador, e isso deixa você ir mais rápido e livre.”

“Mais ou menos, achei difícil conectar a senha do Google Classroom no computador.”

“Sim, porque eu aprendi a acessar vários apps.”

No entanto, não se deve descartar os jogos nas sequências didáticas, que podem ser usados como estratégias de avaliação, pois são os favoritos entre os discentes. Eles são inseridos no Google Classroom para complementar o aprendizado. Paralelamente, outros aplicativos conquistaram os alunos, conforme elencam as respostas à questão: “Aponte os recursos que mais gostou de usar nas aulas?”. Jamboard, Quiz, Mentimeter, Wordwall, Google Maps, Google Tradutor, Google Apresentação, Paint e Google Desenhos, além daquele que está integrado às aulas presenciais, o Google Classroom.

### **Ensino híbrido: um novo contexto educacional em desenvolvimento**

As tecnologias estão intrínsecas ao processo de ensino e aprendizagem e a integração ao planejamento pedagógico, aliando tempos, espaços e ambientes ora virtual ora presencial, passa a ser emergencial. Este é o caminho para uma educação cada vez mais mesclada, e, segundo as terminologias contemporâneas, hibridizada (MORAN, 2015). Para Moran, “[...] a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais” (2015, p. 39).

Diferentes estratégias têm propiciado as experiências que aliam os recursos digitais e analógicos como forma de contemplar as tendências educacionais, sem desconsiderar, por sua vez, as contribuições de importantes abordagens tradicionais. Esta mesclagem, tendo as TICs como mediadoras e a Educomunicação como norteadora dos processos, é aprovada pelos discentes, quando questionados se “gostam quando o professor inclui as tecnologias durante as aulas”, conforme apontam em seus relatos:

“Eu gosto muito, porque a aula fica mais legal e aprendemos a mexer melhor no computador.”

“Sim, eu adoro quando eu venho para a informática, aprendo bastante.”

“Sim, você pode aprender muito mais quando tem atividade no Google Sala de Aula.”

“Muito! Porque deixa a aula mais divertida e informativa.”

Estas imersões têm conduzido o percurso pelo ensino híbrido. O termo entrou no léxico da Educação Básica na virada do século XXI após estudos das escolas inovadoras, que buscavam formas de unir o ensino on-line com a experiência da escola física

tradicional (HORN e STAKER, 2015). Para os estudiosos, esta metodologia ativa representa um avanço na integração das duas modalidades de ensino e aprendizagem. Apesar de os estudos na área não serem novos, ganhou notoriedade com a pandemia e, com o retorno às aulas, vem sendo desenvolvido nas escolas, tanto particular quanto pública, como forma de valorizar os aprendizados em tempos remotos e agregá-los às novas concepções do ensino, que atendem uma geração imersa em uma cultura digital.

A proposta híbrida visa à personalização do ensino e da aprendizagem em um modelo que combine o ensino presencial, que utiliza a mediação de um professor, com o on-line, em que a mediação é feita por tecnologia artificial (MIRANDA et al., 2020, p. 3). De acordo com Bacich, Neto e Trevisan (2015),

A expressão ensino híbrido está enraizada em uma ideia de educação híbrida, em que não existe uma forma única de aprender e na qual a aprendizagem é um processo contínuo, que ocorre de diferentes formas, em diferentes espaços. É possível, portanto, encontrar diferentes definições para ensino híbrido na literatura. Todas elas apresentam, de forma geral, a convergência de dois modelos de aprendizagem: o modelo presencial, em que o processo ocorre em sala de aula, como vem sendo realizado há tempos, e o modelo on-line, que utiliza as tecnologias digitais para promover o ensino. (2015, p. 74)

Em Guararema, as plataformas Google for Education foram mantidas, e, pelo Classroom, atividades complementares são inseridas semanalmente para auxiliar no aprendizado individual (rotação individual) e coletivo (sala de aula invertida). Por lá, também são introduzidos conteúdos que integram as metodologias a serem aplicadas em sala, como o laboratório rotacional e a rotação por estações; assim como alguns simulados e autoavaliações ao final dos bimestres. Paralelamente às atividades de fixação, os recursos são utilizados para as produções autorais, que têm sido o diferencial.

Os projetos abordando temas transversais enaltecem as dez competências gerais da BNCC<sup>16</sup>, em especial, a cultura digital e a comunicação, ao possibilitar experimentações com o universo informacional, midiático e tecnológico, dando autonomia aos alunos para realizarem suas produções. Além de trabalhar os cinco eixos da Língua Inglesa (oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural), perpassa pelos multiletramentos. A cada trabalho, é notável, por parte dos alunos, o espírito crítico, criativo e participativo; e, por parte da educadora, dos princípios

---

<sup>16</sup> 1. Conhecimento; 2. Pensamento científico, crítico e criativo; 3. Repertório cultural; 4. Comunicação; 5. Cultura digital; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 8. Autoconhecimento e autocuidado; 9. Empatia e cooperação; 10. Responsabilidade e cidadania (BRASIL, 2018).

do campo de estudos comunicativo-educativo, como dialogicidade e horizontalidade, com foco na produção midiática, mediação tecnológica e na gestão da comunicação para a construção de um ecossistema comunicativo<sup>17</sup> que integre a comunidade escolar.

Desde então, os alunos continuam produzindo *e-books*, campanhas, vídeos, fotos, histórias, e agregaram novas linguagens aos seus trabalhos, como mangás, cartazes digitais, jogos, desafios, exposições. No presencial, tem sido possível explorar recursos novos, e, em especial, aqueles que possibilitam a expressividade e o potencial educativo das turmas. Os projetos autorais de cunho transversal são elencados como os favoritos, uma mostra do quanto as metodologias que incentivam a autonomia, criatividade, criticidade e colaboração estimulam o fazer discente e enriquecem a prática docente. Quando questionados sobre as aulas que mais gostaram ao longo deste ano (2022), as repostas evidenciam a eficácia das propostas educacionais:

“Eu gostei muito de quando nós iniciamos o projeto das SDGs (*Sustainable Development Goals*). Eu e meu grupo tivemos que fazer um livro virtual no computador com capa, texto e várias fotos.”

“Das aulas sobre as SDGs, eu fiz um jogo. foi muito legal.”

“Gostei de fazer mangá sobre as SDGs.”

“Achei legal montar o mapa mental para organizar as SDGs.”

Os educandos fizeram menção ao projeto “*The Future We Want – The SDGs are the Way*” (“O Futuro que Queremos – As ODSs são o Caminho”), que está em finalização com as turmas do 1º ao 5º ano. Os estudos, pesquisas e experimentações continuam em um processo mútuo de ensino e aprendizado entre docentes e discentes rumo à educação do futuro. Segundo os discentes, ao responderem à pergunta “Como você deseja que a escola seja no futuro?”, ela deve agregar:

“Aula de Minecraft, porque Minecraft é cultura.”

“Que tenha *tablet* para todos os alunos.”

“Que tenha muita coisa de anime.”

“Mais tecnologias nas aulas.”

“Eu quero que não troque de professora e continue sendo sempre a mesma.”

Os relatos apontam que o processo disruptivo vivenciado pela comunidade escolar não deve se encerrar com a pandemia, pois as tendências educacionais não são

---

<sup>17</sup> Segundo Soares, ecossistema comunicativo é entendido como “um espaço social a ser construído, intencionalmente, a partir da vontade política das pessoas nele envolvidas. A qualidade da presença dos sujeitos sociais, e não, especificamente, a presença das tecnologias, dá, pois, sustentação ao ecossistema pretendido” (SOARES, 2009, p. 174).

---

passageiras. Portanto, cabe aos educadores e aos alunos continuarem em movimento, aliando estratégias, recursos e espaços para reunir metodologias que considerem as variadas modalidades de ensino, dentre elas as mediadas pelas tecnologias.

### **Considerações finais**

Os cenários educativos vivenciam uma revolução em seus percursos, norteados por novas tendências para o ensino e a aprendizagem, com vistas às mudanças nos âmbitos social, econômico e político. Em dois anos, as terminologias que entraram no dicionário da Educação Básica – ensino remoto emergencial, semipresencial, presencial e híbrido – mostram quanto a comunidade escolar se reinventou em busca das inovações necessárias para conduzir suas práticas em consonância com as demandas do século XXI. Pôde-se observar, por meio deste artigo, que a pandemia do coronavírus acelerou essa renovação pedagógica. Ao incluir – em maior proporção – os recursos midiáticos e tecnológicos nas práticas educativas, tem auxiliado, significativamente, no processo de letramento e alfabetização digital e informacional entre professores e alunos, que, juntos, experimentaram metodologias que os prepararam para o modelo de ensino em desenvolvimento: o híbrido.

Este estudo destacou as estratégias elencadas por esta pesquisadora ao longo das aulas de Língua Inglesa junto às turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental durante o período remoto; as contribuições das experiências com os diferentes recursos, plataformas e programas para as novas experimentações nas salas de aula, com o retorno às escolas; e, por fim, os aprendizados nos campos das mídias e tecnologias – sob o viés da Educomunicação - que têm sido relevantes para a integração entre o virtual e o presencial e a imersão em um ambiente escolar cada vez mais mesclado e multifacetado.

Segundo Moran (2015, p. 34), “conviveremos nos próximos anos com modelos ativos não disciplinares e disciplinares com graus diferentes de ‘misturas’, de flexibilização, de hibridização”. A sala de aula foi ampliada com os chamados universo físico e digital, e, segundo o estudioso, esta mistura entre os espaços físicos e virtuais “é fundamental para abrir a escola para o mundo e trazer o mundo para dentro da instituição” (MORAN, 2015, p. 39). Que estas misturas continuem rumo às hibridizações nos novos modos de ensinar, aprender, socializar e mobilizar.

## Referências

BACICH, Lilian.; TANZI NETO, Adolfo.; TREVISANI, Fernando de Melo. (Orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEB, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Gabinete do Ministro. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 mar. 2020a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> Acesso em: 30 jun. 2022.

CITELLI, Adilson Odair e COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

HORN, Michael B.; STAKER, Heather; CHRISTENSEN, Clayton. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

MIRANDA, Rozania Viana et al. Ensino Híbrido: Novas habilidades docentes mediadas pelos recursos tecnológicos. **EaD em Foco**, v. 10, n. 1, 2020. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/913>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

PRENSKY, Marc. Nativos digitais, imigrantes digitais. De On the Horizon, **NCB University Press**, Vol. 9, Nº. 5, Outubro 2001. Disponível em: <https://mundonativodigital.files.wordpress.com/2015/06/texto1nativosdigitaisimigrantesdigitais1-110926184838-phpapp01.pdf>. Acesso em: 30 de jun. 2022.

SARTORI, Ademilde Silveira et al. Desenho animado, blogs e youtube: elementos para pensar práticas pedagógicas educacionais. In: SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos**. Florianópolis: Dioesc, 2014. p. 67-86.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da gestão participativa como prática da Educomunicação. In: COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Gestão da Comunicação**. Epistemologia e pesquisa teórica. São Paulo: Paulinas, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.